

A cidade e o monumento Dona Domingas: Possibilidades de diálogos sobre a temática afro-brasileira na educação

The city and the Dona Domingas monument: Possibilities for dialogues on the Afro-Brazilian theme in education

RESUMO:

O texto aborda aspectos relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira em interface com o conceito de educação na cidade. Apresenta resultados de pesquisa qualitativa desenvolvida com participantes da educação de jovens e adultos (EJA). O objetivo do estudo é evidenciar lugares de memória da cidade de Vitória (ES) com potencial educativo para abordar conhecimentos afro-brasileiros no ensino. Para isso, apresenta-se análises sobre o monumento Dona Domingas. Tais análises partem da premissa de que espaços e tempos da cidade sintetizam elementos de uma grande narrativa urbana, que revela potencial pedagógico para abordar a história de grupos sociais, de conflitos, de valores, de memórias, de manifestações artísticas e outros aspectos do humano. Com base em contribuições teóricas de Lefebvre (2016; 2001), Canevacci (1993), Nogueira (2006), Moura (1994) e Simas (2020), as análises atuam como importantes práticas educativas que colocam em conexão os sujeitos da escola com espaços da cidade, na promoção do acesso ao conhecimento elaborado em uma abordagem de formação integral.

Palavras-chave: Temática Afro-Brasileira. Educação na cidade. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT:

The text addresses aspects related to Afro-Brazilian History and Culture in interface with the concept of education in the city. It presents the results of qualitative research carried out with participants in youth and adult education (EJA). The aim of the study is to highlight places of memory in the city of Vitória, in the Brazilian state of Espírito Santo, with educational potential to address Afro-Brazilian knowledge in teaching. For this, the Dona Domingas monument is analyzed. Such analysis start from the premise that spaces and times of the city synthesize elements of a great urban narrative, which reveals pedagogical potential to address the history of social groups, conflicts, values, memories, artistic manifestations and other aspects of the human being. Based on theoretical contributions by Lefebvre (2016; 2001), Canevacci (1993), Nogueira (2006), Moura (1994) and Simas (2020), the analysis infer as important educational practices that connect the subjects of the school with spaces in the city, promoting access to knowledge elaborated in a comprehensive training approach.

Keywords: Afro-Brazilian Theme. Education in the city. Youth and Adult Education.

Erica Renata Vilela de Morais¹

Dilza Coco²

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: eridessa@hotmail.com.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. E-mail: dilzacoco@ifes.edu.br.

INTRODUÇÃO

A temática História e Cultura Afro-Brasileira no contexto do trabalho pedagógico na educação básica pode ser explorada a partir de fontes variadas e assumir diferentes contornos metodológicos. Face a esse campo de possibilidades e a riqueza de conhecimentos de ordem cultural, social, econômica, política, histórica, dentre outros inerentes ao tema e importantes à formação humana, neste artigo busca-se desenvolver análises e reflexões específicas, a fim de compreender a seguinte questão: qual o potencial do espaço urbano da cidade de Vitória (ES) para explorar conhecimentos sobre a história e cultura afro-brasileira em uma perspectiva educativa/formativa?

É importante destacar que essa questão mantém vínculos com demandas oriundas da inserção da Lei n. 10639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e, posteriormente a Lei n. 11.645/08, que complementa a primeira, acrescentando a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena.

Para além das exigências legais, conhecer e entender o potencial educativo de espaços citadinos, em especial para abordar a temática afro-brasileira, tem se revelado promissor no Brasil e no mundo. Algumas experiências nacionais como as realizadas em São Paulo, a partir de atividades do Coletivo Cartografia Negra, e no Rio de Janeiro, por meio das ações do Instituto Pretos Novos, exemplificam possibilidades formativas inovadoras que articulam resultados de pesquisas e divulgação científica. Essas experiências sinalizam como a organização de visitas mediadas a espaços da cidade podem revelar elementos de memória, história, lutas coletivas, personalidades, cultura, religião, práticas sociais e trabalho de determinados grupos, dentre outros elementos inscritos nas diferentes camadas de materialidade do espaço urbano. Observa-se que tais iniciativas constituem formas de resistências e de contraposição ao avanço do processo de apagamento e (ou) invisibilidade das contribuições afro-brasileiras na trajetória da formação da sociedade brasileira.

Experiências dessa natureza inspiram outras iniciativas como a que desenvolvemos em parceria com sujeitos (professores, profissionais e estudantes) de uma unidade de ensino, da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da região do centro histórico de Vitória (ES). Essa pesquisa teve por objetivo compreender o trabalho

pedagógico realizado pela escola com a temática afro e propor roteiro de visita mediada a espaços específicos da capital capixaba para explorar outras possibilidades de conhecimento. Cabe realçar que essa referida escola contemplava em sua proposta pedagógica ações regulares de trabalho didático sobre elementos da história e cultura afro-brasileira, além de estar localizada em uma região da cidade (centro histórico) com espaços de referência como o Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas (Mucane) e o monumento Dona Domingas.

O monumento da Dona Domingas, em formato de escultura de uma mulher, integra um dos importantes conjuntos arquitetônicos de valor histórico do Estado do Espírito Santo, a região do Palácio Anchieta.

Destaca-se que a referida investigação integra o acervo das produções de um grupo de pesquisa, o Gepech,³ sediado no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e abarcou estudos de vários espaços e monumentos do Centro histórico de Vitória (VITÓRIA, 2021). Outro aspecto é que a pesquisa propôs um percurso de visita mediada na região do centro histórico de Vitória com vários pontos da cidade levantados como potencialmente educativo em relação à temática afro-brasileira. Contudo, neste texto, apresenta-se análises e reflexões específicas sobre o monumento Dona Domingas, sinalizando algumas possibilidades de leitura dessa obra, pretendendo, assim, evidenciar o potencial educativo a ser explorado.

Para isso, o texto encontra-se estruturado em quatro partes, incluindo esta introdução e as considerações finais. Na segunda sessão, desenvolve-se aproximações teórico-metodológicas sobre a educação na cidade e as relações étnico-raciais, de forma a evidenciar o potencial educativo desses lugares na apropriação de saberes. Na terceira sessão apresenta-se ações educativas e formativas como possibilidade de ampliar o diálogo sobre a temática afro-brasileira no contexto das relações entre escola, museu e um monumento da cidade de Vitória (ES). Na quarta sessão sinaliza-se algumas considerações oriundas da experiência desenvolvida no contexto do monumento.

Essa organização foi pensada com a intenção de compartilhar as experiências acompanhadas e desenvolvidas na pesquisa com possíveis interessados na temática, bem

³ Grupo de estudos e pesquisas educação na cidade e Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo. O acervo de produções desse grupo está disponível em: <https://gepech.wordpress.com/>. Acesso em: 21 out. 2021.

como evidenciar uma possibilidade criativa de práticas educativas no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Espera-se que esse compartilhamento possa inspirar outras iniciativas pedagógicas que coloque em diálogo aspectos da história, da cultura, da educação e da cidade.

A EDUCAÇÃO NA CIDADE E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO A PARTIR DA LEITURA CRÍTICA DO ESPAÇO URBANO

Ao transitar pelos espaços da cidade, pessoas passam ao lado de monumentos que muitas vezes são tornados invisíveis ou são conhecidos como peças e estruturas em concreto e ferro, ocupando um lugar no contexto da cidade. Nesse transitar, quem convive com a correria cotidiana, que, não raro, passa despercebida a arte, a crença, o “algo a mais”, o sentido oculto, camuflado, que necessita ser desvendado, descoberto, refletido, abordado (MOURA, 1994). Conforme apontado por Nogueira (2006), para alcançar o significado do negro no espaço da cidade, é necessário visitar a base de sua história, visitando diversos referenciais da sua história no Brasil, incluindo o contexto de mobilização e de luta do movimento negro brasileiro.

Na mesma direção, Gomes (2002) chama atenção para a dificuldade em construir uma identidade negra positiva, convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Cultivou-se no imaginário de muitos brasileiros que os negros eram docilizados e que não lutaram pela liberdade de seus corpos e de sua cultura. Subtraídos dos livros didáticos e da educação escolar, pouco conhecemos a respeito das revoltas organizadas pelos quilombos e, do pouco que sabemos, não sabemos a localização geográfica delas, não conhecemos ou nunca ouvimos falar das revoltas que ocorreram em outros estados, das fugas e das lutas. O fato é que esse sintoma de negação mostra como a nossa história é contada, registrada e apropriada e, assim, percebida nos espaços da “cidade”.

Explicitamente, inspirado na abordagem de Lefebvre sobre o debate sociológico do espaço público e da vida cotidiana, o estudo desenvolvido pela professora Fraya Frehse (2011) destaca que espaços físicos da cidade seriam capazes de revelar mecanismos sociológicos explícitos ou implícitos do sistema simultâneo que é a sociedade brasileira.

A partir desse viés teórico e metodológico, a rua é tomada como objeto de análise, entendendo que a rua explicita em público os valores sociais, costumes e relações produtivas. De acordo com estudos de Frehse (2011), a rua apresenta uma unidade que dialoga com uma totalidade social. A rua é mediação e espaço vivido de confraternização e experiências entre os extremos sociais. Desse modo, os espaços da rua são capazes de revelar a cidade, seus dilemas e possibilidades históricas pertinentes ao urbano e anunciadas no plano vivido.

Portanto, atentou-se para um olhar que vá além de uma simples contemplação da história, dos fatos, dos conhecimentos, da memória e da vida do negro. Na verdade, trata-se de provocar um olhar vivo entre o espaço do corpo e o espaço das ruas, de forma que as tensões e o vivido se transformem em objetivo do corpo coletivo. Sobre esse olhar, ressaltamos e consideramos que é algo que deve ser aprendido, assim como a cidade deve ser concebida como lugar de produção de conhecimento. A relevância desse ponto se justifica, uma vez que os processos históricos repercutiram na afetividade daqueles que se puseram a imaginar a vida dos negros, bem como sua cultura, lutas e resistência, saberes e crenças (FREHSE, 2011).

Na obra “Espaço e política – O direito a cidade II”, de Lefebvre (2016), o autor apresenta vários conceitos sobre cidade. Em um deles a cidade é percebida como uma obra, no sentido de obra de arte. Partindo desse pressuposto, a cidade deve ser estudada sob duplo aspecto: monumentos, enquanto estrutura física, e o tempo que esses simbolizam para os cidadãos e para os cidadãos.

As cidades, com suas ruas, seus monumentos, sua linguagem, são como obras expostas que necessitam ser compreendidas historicamente e socialmente produzidas e vividas (LEFEBVRE, 2016). Daí, destacamos a potencialidade da arte para promoção de diálogos, leituras e interpretações, que, para o nosso maior proveito, trazem possibilidades para o conhecimento. A arte revela o misterioso que o passado traz consigo, ecos de vozes que emudeceram promovendo um encontro entre gerações, denotando um apelo ao passado, o qual não pode ser abandonado impunemente (BENJAMIN, 1987).

Para Lefebvre (2016), a realidade urbana é constituída num processo dialético que envolve a cidade e as contradições do processo de industrialização, da negação e da ampliação da mesma, para toda a sociedade. Sob essa perspectiva, o urbano nos permite

compreender certos aspectos da cidade que passaram despercebidos por muito tempo, como, por exemplo, o espaço como lugar de encontro, de reunião, de formação, a monumentalidade, a centralidade e outros.

De um ponto de vista antropológico, Canevacci (1993, p. 20) sustenta que “só é possível compreender a cidade fixando-se outros panoramas que a excluem do horizonte”, ou seja, é preciso olhar para a obra e ser olhado por ela e, nesse duplo olhar, produzir a estranheza diante do que parece familiar. Então, para entendê-la, é preciso estudá-la em seus diversos aspectos produtivos, de valores, de comportamento, pela maneira de falar, de estabelecer relação com a cidade, com o corpo, com a identidade e com a cultura, entre outros.

Na qualidade dialógica da comunicação urbana, cabe tentar compreender os discursos encobertos presentes nas obras, bem como observar como a cidade se comunica com os seus edifícios, ruas, tráfegos, além dos ritmos de comportamento e de controle espaço-temporal que compõem o tecido urbano. Daí a importância de conceituar a cidade de forma a evidenciar o seu potencial educativo.

Sobre a qualidade educativa da cidade, conforme argumentado por Freire (1993):

A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, estilo, o gosto de certa época. A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita que lhe damos. A cidade somos nós e nós somos a cidade. (FREIRE, 1993, p. 13)

Freire (1993) argumenta que o ser histórico e cultural que somos não pode ser explicado pela consciência de ser, e estar sendo, como se esta pudesse tomar o lugar do constituído socialmente. Ou seja, ter consciência não deve se resumir em simples explicação das transformações ocorridas no mundo ou nas cidades. Como seres historicamente e socialmente constituídos, cabe o reconhecimento de que somos condicionados a nos entregarmos à experiência de ensinar e aprender para superar os limites desse próprio condicionamento.

Assim, entende-se que, ao abordar a respeito da condição do negro através do tempo retratado nos espaços da cidade, promove-se o encontro e o reforço ao que, com sua essência e própria experiência, consolidaram a construção das cidades e da vida do povo brasileiro. Não basta simplesmente reconhecer a presença do negro na história, uma

vez que não é possível ignorar o flagrante contraste entre a presença desse povo e a construção do país. Conforme argumentado por Martins (2008), o movimento torna-se princípio constitutivo e explicativo da história, sendo que:

O historiador que se fundamenta assume como tarefa identificar as condições econômicas, sociais, políticas e culturais que em determinado momento fizeram nascer um fenômeno e promoveram o seu desenvolvimento, reconstruindo o processo de produção e reprodução da vida material, com todo vigor de seu dinamismo e das contradições manifestas. (MARTINS, 2008, p. 103)

Ao destacar o papel principal do historiador, Martins (2008) apresenta elementos importantes para todos os pesquisadores, educadores e estudantes sobre o papel crítico diante da história socialmente produzida pela humanidade. Aproximando-se do foco deste estudo e na mesma direção e perspectiva crítica, Le Goff (2013) coloca em destaque a necessidade da crítica aos materiais da memória coletiva e da história que podem apresentar-se sob duas formas principais, os monumentos (herança do passado) e os documentos (escolha dos historiadores). Para o autor, qualquer que ele seja, ambos são produto da sociedade, criados segundo as relações de forças e poder. Nesse caminho de análise dos materiais, Le Goff (2013) confere à memória coletiva a possibilidade de recuperá-los, sempre visando o conhecimento produzido pela humanidade.

Ao abordar a memória dos negros no estado do Espírito Santo, implica considerar as suas manifestações culturais e religiosas, a história das lutas, em circunstâncias de domínios, assim como a contextualização desse estudo e dessas discussões com os movimentos dos afrodescendentes. São muitos elementos e fontes que firmam a identidade do negro como ser humano que carrega uma história, uma cultura e uma vida. Ainda, em muitos espaços a representação do negro é determinada por elementos e instrumentos, quase sempre condicionados ao contexto de escravidão. Desse ponto de vista, o imaginário que se produziu coloca o negro de forma pejorativa, com maravilhosa destreza de mão de obra, subjugado pelo poder capitalista. Esse é um imaginário que não remete a uma compreensão da realidade concreta e da representação do negro, e sim opera por um pensamento manipulado (LEFEBVRE, 2001).

Dentre essas ações está a educação que, sendo especificidade humana, é um ato de intervenção na realidade. Diante disso, destaca-se a necessidade de estabelecer a escola como espaço educativo nas dimensões da cidade, primeiramente, reafirmando que a

educação não se restringe aos espaços e tempos escolares, mas que se caracteriza também por constituir em uma relação íntima com a vida em sociedade; em segundo, porque sendo a cidade fruto de uma realidade complexa, resultante de diversas relações econômicas e socioculturais, que se alteram de acordo com o tempo, espaço e segundo as necessidades de seus agentes e funções, ela, na sua materialização, pode se configurar excludente e opressora.

Sobre esse processo de exclusão, Forde (2016) explica que a temática afro-brasileira pode ser exemplificada, pois para ganhar espaço no currículo escolar do estado do Espírito Santo foi preciso muitas lutas, tensões e embates de vários grupos do movimento negro formados por professores, estudantes, políticos e outros. Esse contexto de reivindicações históricas foi amplo e ocorreu em vários estados, tensionando os órgãos públicos do Estado brasileiro, para que assumissem no desenho do seu planejamento as políticas de promoção da igualdade racial. Aqui, o papel do movimento social negro na luta e superação do racismo, das desigualdades econômicas e culturais representa um marco para criação de políticas de promoção de igualdade racial no Brasil. É nesse cenário que são promulgadas leis como a n. 10.639/2003 e a de n. 11.645/2008, que tratam da obrigatoriedade do ensino das histórias e das culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas, nos estabelecimentos oficiais de ensino da educação básica, assim como as ações afirmativas para estudantes negros e indígenas no ensino superior. Esses documentos marcam avanços em termos legais e institucionais na luta contra o racismo e em prol da democracia de igualdade racial, como também conferem uma reestruturação dos currículos e espaços educativos em contextos escolares e não-escolares.

Nesse contexto temático, coloca-se então o desafio de articular a escola e a cidade e, via processo educativo, criar mecanismos para promover os espaços da cidade com potencial educativo para abordar a temática afro. Essa articulação deve ser mediada pelo diálogo, buscando envolver toda comunidade no processo de tomada de decisão e compartilhando interesses e necessidades.

Nesta perspectiva, apresentam-se as experiências formativas da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos Prof. Admardo Serafim de Oliveira, da cidade de Vitória (ES), destacando ações educativas e formativas que realizam em diversos espaços da cidade, como em museus, parques de lazer e escola de samba, atentando para a potência desses espaços na apropriação de saberes e as

contribuições para explorar a temática História e Cultura Afro-Brasileira com os estudantes da EJA. Realça-se que o trabalho dessa escola com a temática é contínuo e processual, distanciando-se de abordagens pontuais que muitas vezes ocorrem em novembro, em função das comemorações ao dia da consciência negra nas escolas.

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EJA: EXPERIÊNCIAS E AÇÕES DIDÁTICAS

A educação de jovens e adultos constitui uma modalidade de ensino que atende público-alvo diversificado. Em geral, os estudantes apresentam histórias de vida que revelam processos de desigualdades, sejam elas sociais, econômicas e, especialmente, relativas à garantia ao direito à educação, em termos de acesso e (ou) permanência. Tais características exigem a formulação de propostas pedagógicas específicas. No município de Vitória (ES), uma das unidades de ensino busca desenvolver essa especificidade a partir de princípios que apostam no trabalho coletivo e de valorização e envolvimento da participação dos diferentes sujeitos da comunidade escolar. Essa especificidade é marcada desde o modo de organização da estrutura administrativa até a dinâmica do trabalho pedagógico. Nesse sentido, a unidade investigada apresenta uma estrutura organizacional que contempla uma sede administrativa com algumas salas de aula, localizada no bairro Gurigica, região periférica da cidade de Vitória. Além disso, existem outras salas de aulas que funcionam em vários outros locais da cidade, como associação de trabalhadores de material reciclável, centros populares, parques e igrejas.

Outra característica da escola refere-se ao desenvolvimento das atividades docentes por duplas de professores de áreas distintas de conhecimento, além de adotar o trabalho organizado por temáticas, tendo como princípio estruturante a aprendizagem dos sujeitos. As atividades constituídas em dupla têm duração de tempo máximo de um trimestre letivo, que ao longo do ano são estruturados em três trimestres. Essa forma de trabalho constitui uma possibilidade de ampliação do olhar docente, compreendendo que desse modo se obtém uma perspectiva mais abrangente de como trabalhar o conhecimento e de planejar as propostas das atividades, os objetivos e os instrumentos de avaliação, de modo integrado e em conformidade com os assuntos e conteúdos trabalhados.

Por meio de pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, acompanhamos diferentes ações pedagógicas na escola e em outros espaços durante o segundo semestre de 2016. Nesse período, registramos uma série de dados por meio de fotografias, gravações, diário de campo e entrevistas, que mostram variadas ações formativas. De acordo com Lüdke e André (2003), a pesquisa qualitativa possibilita a apreensão de dados diversos, de natureza descritiva, com possibilidades de organização de um plano metodológico aberto e flexível e com potencial para focalizar a realidade de forma complexa e contextualizada. Nessa mesma linha metodológica, Minayo (1994) também preconiza que essa vertente “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (1994, p. 22).

Durante o trabalho de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos Prof. Admardo Serafim de Oliveira (ASO), notamos duas marcas que se destacam no trabalho da equipe pedagógica: primeiramente, a atuação docente não se restringe aos espaços e tempos escolares. Eles costumam realizar ações formativas em outros locais públicos e culturais na cidade. Em segundo lugar, o trabalho educacional da escola é pensado em uma dimensão coletiva. Nas reuniões semanais os profissionais discutem os desafios oriundos do cotidiano da sala de aula e planejam ações articuladas para avançar e contribuir com o desenvolvimento dos estudantes.

A proposta didática da escola baseada em temas intenta estabelecer um outro modo de organização das ações didáticas, um caminho para o desenvolvimento de novas experiências, de criação e de transformação da realidade. A partir dos estudos de Paulo Freire, o papel da temática consiste em um ponto de referência ou de partida para os educadores, que devem incluir/problematizar as questões/atividades didáticas, pedagógicas, em estreita articulação com as questões e implicações sociais, políticas e econômicas. Assim, a organização do ensino na escola ASO busca inspiração em proposições de Freire (1978), quando relata experiência educativa realizada em países da África (Guiné Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique), como a contada na publicação “Cartas aos animadores de Cultura”. O projeto político pedagógico da escola anuncia que essa opção pelo trabalho com temáticas consiste em uma possibilidade menos fragmentada de abordar os conhecimentos. “Nesta perspectiva, a descrição dos conceitos

e a verificação de sua aprendizagem [pelos estudantes] são substituídas pela problematização dos temas e pelo acompanhamento do processo de construção de conhecimento” (VITÓRIA, 2013, p. 12).

Deste modo, a vida dos educandos jovens e adultos, suas necessidades de formação e de participação ativa nos espaços sociais, educativos, culturais e na relação com o mundo do trabalho, são tomadas como pressupostos de que a educação não restringe aos espaços e aos tempos escolares. Nessa concepção, a cidade, as relações étnico-raciais, as diversidades de territórios, o trabalho, a memória, a sexualidade, a religiosidade e a ação comunitária integram um currículo articulado com vida e com o conhecimento, ditos “escolares”, ou melhor dizendo, “com os conhecimentos produzidos pela humanidade”.

Além disso, esses aspectos levantam reflexões a respeito da participação e da percepção dos jovens nesses diferentes espaços e temas formativos, especialmente em torno das lógicas de apropriação de práticas sociais e culturais e os seus desdobramentos. As ações educativas são entendidas como atividades de mediação, que coloca como possibilidade de articular o espaço escolar com outros espaços de vivências e experiências dos estudantes. Observa-se que o foco da construção das ações pedagógicas é pautado na articulação com o ensino, o conhecimento e a transformação da realidade do ser humano.

Com base na educação libertadora, problematizadora e crítica desenvolvida por Paulo Freire, o planejamento político pedagógico da escola, assim como as reflexões que permeavam os momentos de formação docente, sustentavam ações e práticas educativas que consideravam a realidade dos envolvidos. De acordo com Freire (2011, p. 104), a prática problematizadora toma como situação problema a realidade dos homens, como “incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham”.

Diante do compromisso com a gestão democrática e com o conhecimento, a escola ASO empenhava-se em realizar ações educativas que propiciassem aos estudantes o protagonismo intelectual e cultural. Como marco significativo, produzido a partir das ações educativas, encontrava-se a realização dos seminários, que se constituíam como espaços de socialização de experiências, de conhecimentos e de novas análises por todos os cidadãos, membros da comunidade escolar ou não. Os seminários são mais um movimento dessa escola que, de forma crítica e contextualizada, propõe aos participantes

o reconhecimento da interação entre os saberes representados na realidade. A imagem 01 é um dos registros que evidencia um momento de encontro e integração dos saberes, da cultura e da cultura popular no contexto da escola.

Imagem 01: Cortejo da Banda de Congo Panela de barro de Goiabeiras Velha



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A propósito da importância da temática afro-brasileira, há uma preocupação da escola para que as apresentações culturais que se referem ao negro, não sejam para estigmatizar o “lugar” do negro na dança sensualizada, da África sofredora e colocando o homem escravizado como passivo e submisso. Contrário a esse imaginário, as reflexões, análises e ações empreendidas pela escola destacam o homem negro como detentor de conhecimentos e culturas anteriores à diáspora africana. Essas várias iniciativas da escola sinalizam o esforço dos profissionais em realizar ações em que os sujeitos interajam com os saberes da cultura local e com os conhecimentos, a fim de superar práticas de racismo e preconceito. Outro aspecto a ser destacado é que essas ações foram contínuas e não apenas em momentos pontuais, como geralmente ocorre em outras escolas, especialmente no dia da consciência negra.

Segundo Simas (2020), faz parte do processo de subalternização das camadas a desqualificação como produtoras de cultura. Nesse sentido, as práticas educativas da ASO se apresentam como formas de resistências contra o controle dos corpos dos negros e contra a “repressão aos elementos lúdicos e sagrados do cotidiano dos pobres, dos

descendentes dos escravizados e de todos que resistem ao confinamento dos corpos e criam potência de vida” (2020, p. 110).

É importante realçar que, durante o período da pesquisa, ocorreu uma visita mediada ao Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas (Mucane), para que o grupo de estudantes e professores pudessem conhecer o trabalho do artista Luciano Barreto Ramos (2014), socialmente conhecido como Luciano Feijão, que estava em exposição. Essa visita ao Mucane foi motivada por apresentar elementos que dialogavam com a temática afro-brasileira, a qual era objeto de exploração de ações de ensino da escola naquele trimestre. A exposição apresentava obras que tematizavam o negro e apresentava possibilidades de articulação com a proposta da escola, seus objetivos, conteúdos, metodologias e necessidades.

A exposição “Torções” contemplava 31 desenhos exclusivos do artista e propôs atualizar as trajetórias, perspectivas e imaginários acerca das representações de mulheres e homens negros, tendo a arte contemporânea como instrumento de diálogo para a valorização das identidades e diversidade cultural capixaba e brasileira (RAMOS, 2014).

Imagem 02: Estudantes da EJA em visita a exposição Torções no Mucane



Fonte: Érica Morais, 2016.

A imagem 02 é um registro da visita dos estudantes da EJA ao museu. Durante a visita foi possível observar que, na medida que os estudantes estabeleciam o contato visual com as obras, sentiam a necessidade do diálogo com os mediadores da exposição apresentando as dúvidas, os questionamentos e as perguntas a respeito das obras. Nesses momentos, as intervenções dos mediadores para com os estudantes consistiam no acesso

a experiências específicas e simbólicas, a partir do diálogo desenvolvido na relação estabelecida entre tema, obra e espectador (RAMOS, 2016).

Enquanto os estudantes observavam as obras, a ação atenciosa dos mediadores se destacava criando situações provocativas para estabelecer diálogos entre a obra, o tema e o observador. As intervenções apareciam como centelhas, ativando a percepção de elementos guardados em cenas esquecidas e revelando cenários permanentes da história da humanidade. Nesse encontro com o conhecimento e com o outro, os estudantes iam estabelecendo novas relações com a realidade. Essa ação torna-se relevante, já que uma cena e uma história podem ser representadas por diferentes pontos de vista, utilizando-se de um mesmo cenário.

O acesso a essas experiências de maneira orientada permitiu a produção de novas formas de representação e de possibilidades de leitura dos desenhos pelos visitantes da mostra. A mediação educativa e a ação reflexiva resultam no processo de recriação e de transformação, permitido pelo acesso a outros elementos integrantes da obra, provocando uma nova relação com a realidade, contraposta em novos questionamentos e possibilidades de estabelecer novos diálogos.

Sinalizando possibilidades de estabelecer diálogos com conhecimentos afro-brasileiros enquanto prática de ensino para as relações étnico-raciais, explorada em museu com outros locais da cidade, considera-se pertinente apresentar elementos vivenciados em um momento de visitação e de participação de um percurso educativo em espaços da cidade do Rio de Janeiro, promovido pelo Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), localizado no Rio de Janeiro. É importante situar que conhecemos o espaço a partir da exposição “Torções”, do artista Luciano Feijão. No conjunto das obras desse artista encontramos telas que retratavam ossos. Isso porque, para a produção das telas, o artista tomou como referência e inspiração a história do IPN. Essa mediação possibilita conhecer a existência desse local, assim como a realização de outras intervenções, diálogos e conhecimentos. Tal fato, registrado na pesquisa, nos aponta que a arte abre caminhos e possibilidades que superam o imediato, pois, por meio das obras, o referido artista criou a oportunidade de acessar lugares, pessoas e história antes desconhecidos.

Tendo em vista o caráter educativo, bem como as ações para o desenvolvimento de conhecimentos envolvendo a temática afro-brasileira, concluímos que a exposição “Torções” se apresentou como uma das possibilidades de intervenção educativa no

espaço do Mucane. No entanto, com base na proposta defendida por Matos (2013), essa e outras ações não devem se restringir somente aos espaços dos museus. O trabalho educativo seria mais produtivo se se iniciasse na escola, continuasse depois no museu e prosseguisse na unidade escolar. A autora argumenta que a parceria entre escola e museu sustenta ações de formação educacional mais completa. A compreensão do museu enquanto espaço educativo da cidade se dá a partir de um trabalho formativo e também processual (escola-museu-escola-outros espaços da cidade). Nessa perspectiva, Matos (2013) destaca alguns pontos que podem orientar a realização de visitas a espaços de museus:

[...] (1) deveria se iniciar na escola a partir de discussões sobre o que é museu, para que serve um museu, (2) analisar a partir de que discurso a exposição é apresentada ao visitante, atentando para a narrativa construída pela seleção das peças; (3) retornar para a escola, finalizando a visita com o debate acerca da escolha do discurso e dos objetos expostos, problematizando a visita (MATOS, 2013, p. 62).

Considerando os aspectos metodológicos traçados, a autora evoca a refletir em ações que extrapolem os espaços dos museus e os muros escolares, percebendo a potencialidade de estabelecer diálogo com outros espaços e conhecimentos. Desse modo, a proposta de análise e interpretação desse estudo tem como característica estabelecer diálogo com o conteúdo do próprio museu/monumento/obra, seja pela sua dimensão histórica, social, política e (ou) estética (1º momento), pelo conteúdo das atividades e leituras realizadas no, ou por meio do, museu/monumento/obra (2º momento) ou pelo conteúdo de outros espaços/obras/monumentos (3º momento).

Neste estudo, as orientações propostas por Matos (2013) foram compreendidas como um movimento em direção ao conhecimento, e por isso propomos explorar outros espaços da cidade que podem favorecer experiências, percepções e apropriações de elementos materiais, simbólicos e artísticos que tematizam a cultura afro-brasileira na cidade de Vitória (ES).

Partimos da compreensão de que conhecer um espaço da cidade em uma perspectiva educativa e formativa supera relações imediatas de visitação. Assim, para superar relações superficiais com o espaço, compreende-se que o trabalho educativo desenvolvido pela escola pode ser iniciado pela abordagem de conhecimentos sobre a dimensão histórica do museu. Nesse primeiro momento da proposta, que pode ser

realizado no espaço escolar, inclui atividades provocativas e sistematizadas pelo professor. Essas atividades têm como objetivo levantar questões acerca do que será vivenciado no museu, bem como do conhecimento prévio que os estudantes possuem a respeito do espaço a ser visitado. Como parte essencial desse momento, destaca-se a possibilidade de estabelecer diálogo com o conteúdo do próprio espaço do museu. Nesse sentido, algumas questões podem ser disparadoras e favorecer a busca por outras fontes de conhecimentos, tais como: Como foi criado o museu? Quem idealizou esse espaço? Qual/quais o(s) seu(s) objetivo(s)? O que contém esse museu? Qual a sua importância para a cidade e para a sociedade capixaba? Se já foram ao museu?

Questões como essas instigam a busca por outros textos e informações e enriquecem as situações de ensino e de acesso a conhecimentos. Nesse levantamento sobre o Mucane apreendeu-se que a existência do museu tem início com o protagonismo do trabalho de uma mulher negra chamada Verônica da Pas.

No segundo momento da visita ao museu, a proposta sugere a retomada das questões colocadas na escola, com vistas ao aprofundamento dos conhecimentos, buscando alcançar os objetivos da ação educativa em diálogo com o conteúdo das atividades promovidas pelo espaço do museu. No âmbito do nosso estudo, as sugestões que apresentamos privilegiavam diálogos a partir da visita a exposição “Torções” e das experiências vivenciadas no momento de formação dedicado aos professores, promovido pelo artista da exposição. O fato de a proposta educativa da exposição “Torções” contemplar os momentos de formação com os professores ampliaram as possibilidades de conhecimento a respeito do processo de trabalho do artista e dos conceitos que permearam as obras. Esses são alguns aspectos que poderiam ser considerados na preparação da visita, a qual seria orientada de modo a analisar o discurso, a narrativa da exposição, assim como o questionamento sobre quais foram as motivações para criação das obras e do tema, quais as referências do artista, qual a relação do artista com o tema da exposição e como se deu o processo de produção das obras e quais os materiais utilizados? Assim, propomos que as experiências vivenciadas no decorrer desse momento fossem continuadas ao retornar para o espaço escolar.

No terceiro momento, a proposta buscou contemplar a realização de atividades de desdobramento, recorrendo às experiências, percepções e apropriações desenvolvidas ao longo dos momentos anteriores, de modo a promover nos estudantes a vontade de

desenvolver investigações e ações relacionadas à temática das exposições, dos artistas ou da própria dimensão histórica do museu. Diante de tais proposições, apresenta-se como possibilidade para o terceiro momento da proposta o estabelecimento de diálogo entre o conteúdo do museu com o de outros espaços. Para isso, elegemos espaços e monumentos presentes no centro da cidade de Vitória (ES), que contemplam a vivência e (ou) possuem alguma referência identitária dos negros, com o propósito de ressignificar e valorizar esses espaços como potencialmente educativo.

Assim, a partir da visita a exposição “Torções” e das experiências vivenciadas no Mucane, na escola e em outros espaços, organizamos uma proposta educativa buscando contemplar os momentos explicitados acima, sobretudo evidenciando a potencialidade desses espaços enquanto oportunidade de desenvolver e acessar o conhecimento produzido pela humanidade. Conforme mencionado, tal proposta teve como característica a possibilidade de estabelecer diálogo com o conteúdo do próprio Mucane, seja pela sua dimensão histórica, social e (ou) política; com o conteúdo das atividades realizadas no ou por meio do Mucane e com o conteúdo de outros espaços. Além disso, as proposições pontuadas por Matos (2013) fomentam o desenvolvimento e construção de uma proposta de ensino, que estabeleça uma conexão do museu e escola, de forma a reconectar a história do negro e de lugares, produzindo espaços sobre os conhecimentos afro-brasileiros.

A seguir, apresentar-se-á como possibilidade de ampliar o diálogo sobre a temática afro-brasileira um dos pontos contemplados no percurso do circuito de visitação criado a partir da pesquisa. Trata-se de um monumento, do tipo escultura de dona Domingas. Nessa obra de arte está retratada uma mulher negra trabalhadora na atividade de coleta de material reciclado, moradora da cidade de Vitória (ES).

A partir do monumento, buscar-se-á levantar questionamentos que podem ser tomados como estratégias para construção de diferentes leituras e de percepção das representações do negro e da humanidade. Esse ponto de partida constitui possibilidades para o desenvolvimento de ações educativas que viabilizam novas experiências e produção de conhecimento. Além disso, cabe registrar que outras leituras, questionamentos e análises podem ser criados e potencializados, a fim de tecer conexões com a temática em questão e com outras áreas do conhecimento.

Monumento Dona Domingas e outros diálogos: Um espaço de memória do negro na cidade de Vitória

[...] em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente as tantas e inúmeras injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura. **Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história.** (ARAÚJO, 2004, p. 250, grifo nosso)

A memória dos negros no Brasil foi construída produzindo certos estigmas, quase sempre atrelados ao cativeiro, as dores e ao sofrimento a que foram submetidos. Cabe aqui pensar em uma forma de conteúdo que exceda os limites de conformidade e compreensão na barbárie praticada contra os negros. Isso inicialmente pode parecer difícil, uma vez que pode esbarrar em aspectos da formação da identidade afro-brasileira, construída dentro e a partir das referências de sujeição, exclusão e conformidade. Embora a análise dessa identidade afro-brasileira esteja ora em construção, ora em situação de resistência de acordo com os discursos, Munanga (1990) destaca um ponto importante sobre a identidade do mundo negro, a qual é inscrita no real sob a forma de exclusão.

Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade afro-brasileira mais abrangente seria a identidade política, de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica. (MUNANGA, 1990, p.113)

Assim, dentro do contexto brasileiro, Munanga (1990) assinala dois problemas que podem ser colocados politicamente em relação a uma identidade submetida à cor e à cultura.

Ainda que negados pelos registros da historiografia oficial, na memória e na cultura, os negros em choque com a indiferença e o poder dos escravocratas construíram a sociedade nacional brasileira. Nesse sentido, o trecho do texto de Araújo (2004) nos provoca a pensar a respeito da memória do negro no Brasil e em alternativas que permitirão a superação da invisibilidade e do reconhecimento da participação negra para além da escravidão. Cabe desvelar a história dos dias e das formas de lutas e de resistência em prol da liberdade e afirmação da identidade do negro, mas também do legado da cultura, da culinária, da arte, da religião, das festas, dos personagens e das mulheres negras guerreiras.

Esses e tantos outros elementos nos dão pistas e descortinam memórias que compõem a nossa história, como escreve Emanuel Araújo (2004, p. 243): “Não podemos nos dar ao luxo de esquecer, perder de vista a nossa memória, por mais pequenina ou insignificante que seja, pois, nossa memória será sempre uma forma de costurar nossa história”. Além disso, é muito importante entender que a história do passado esbarra na história do presente, portanto, precisa ser estudada.

A dona Domingas, segundo o escritor capixaba Elmo Elton (2014), era uma mulher magra, negra, embodocada, lenta nos gestos e no andar, que percorria as ruas de Vitória catando papel. Ela morava no bairro Santo Antônio perto da casa do escultor italiano Carlo Crepaz⁴. Em suas mãos estavam sempre um sacolão e um porrete de madeira, ambos retratados na escultura e nas Imagens 03 e 04.

Imagem 03: Entardecer (Dona Domingas)



Fonte: Érica Morais, 2016.

⁴ Segundo Lopes (2012) o artista italiano naturalizado brasileiro Carlo Crepaz (1911-1992) chegou em Vitória (ES) em 1951, a partir de convite realizado por padres pavonianos, que na época atuavam em obras sociais na região de Santo Antônio. Inicialmente, Crepaz trabalhou como professor de escultura em oficinas que atendiam jovens carentes. Posteriormente foi contratado para atuar como professor de modelagem da Escola de Belas Artes da Universidade Estadual do Espírito Santo. Quando essa escola foi incorporada à Universidade Federal do Espírito Santo, o artista passou a atuar como professor de escultura. Nesse percurso profissional produziu várias obras que podem ser encontradas pela cidade, como a escultura de dona Domingas. A grande maioria retrata e homenageia personagens do Espírito Santo como o médico capixaba Pedro Feu Rosa; a professora Ernestina Pessoa; o primeiro governador do estado do Espírito Santo após a proclamação da República, Afonso Cláudio; o responsável pela reorganização da biblioteca do Estado em 1909, Ubaldo Ramalhares; entre outras obras.

Imagem 04: Entardecer (Dona Domingas) - Olhares



Fonte: Érica Morais, 2016.

Segundo Fosse (2015), o artista Crepaz produziu quatro obras retratando a dona Domingas. Uma delas foi adquirida pelo prefeito Chrisógono Teixeira da Cruz⁵, diretamente do ateliê do autor da obra, a qual foi fixada na década 1970 na Praça

⁵ Chrisógono Teixeira da Cruz foi prefeito de Vitória no período de 05/04/1971 a 13/03/1975 e também um importante empresário da construção civil. Rafael Gonring (2010) destaca que a partir da segunda metade dos anos 50, as experiências empreendidas pela empresa Chrisógono Teixeira da Cruz Engenharia Ltda marcaram o nascimento do mercado imobiliário em Vitória. A empresa praticava no ramo imobiliário as experiências de construção ditas a preço fechado, que mais tarde deu origem à modalidade de construção por incorporação. Essa modalidade previa o custo inflacionário embutido no preço do empreendimento. Sob expectativas de crescimento da cidade, apresentadas nos fins da década de 60 e início da década de 70, Chrisógono Teixeira da Cruz enquanto prefeito, atuou no planejamento de melhorias das vias expressas da cidade de Vitória, visando contribuir com os projetos programados para área da grande Vitória. No final da década de 60, Chrisógono Teixeira da Cruz trocou o Centro da cidade pela Praia do Canto, buscando a tranquilidade e a qualidade de vida que o centro não tinha mais.

Presidente Roosevelt como homenagem ao trabalhador negro. Lopes (2012) afirma que essa escultura revela preocupações do artista com a temática social e indica que Crepaz produziu várias outras obras sobre negros, muitas delas em acervos particulares.

Observada em uma certa distância, não é possível perceber a expressão facial imprimida na escultura dessa estátua. É necessário sair do movimento da calçada principal e apreciar o jardim da pequena praça do Palácio. Ali, bem no meio, está a dona Domingas, de ombros e cabeça baixa, com o saco nas costas. Os outros transeuntes e espectadores que quiserem ver o rosto de dona Domingas e, quem sabe, descobrir o que ela representa, terão que torcer um pouquinho algumas partes do corpo.

Sem dúvida, Dona Domingas é um monumento representativo da cidade Vitória, já que representa a força do povo trabalhador. O fato de ser exposta aos pés do Palácio Anchieta, uma estrutura de poder político, intenciona identificar e caracterizar o seu contexto. Nos dias atuais, assim como ocorre na maioria dos centros urbanos, em Vitória, o intenso fluxo de trânsito de veículos e pedestres praticamente orienta o olhar para uma única direção. Sendo assim, como podemos ser convocados por essa obra de arte?

Sem dúvida, é importante saber a localização da estátua da dona Domingas e a relação paradoxal com esse lugar, mas também interessa conhecer os significados que essa obra de arte, na imagem de uma mulher negra, representa e ativa em nossas vidas. Procópio (2010) destaca que a invisibilidade da dona Domingas no ambiente urbano é decorrente da identificação do público com o seu signo e agravada pela ausência de memória.

Olhando para a obra da Dona Domingas perguntamos: O que essa obra de arte ativa em nós? Será que a história dela perpassa situações e experiências da nossa própria história? Assim, como observadores da obra de arte, também somos convidados a dialogar com a própria obra e, enquanto percorremos os caminhos da história, do passado e do presente, recontaremos a história. Esse diálogo com a obra de arte, mediado pelo conhecimento, ativa a memória e possibilita a conexão entre diferentes espaços, contextos e personagens.

Atualmente a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória é a responsável pela obra. Fosse (2015) e Lopes (2012) destacam que, além dessa escultura em bronze, existem mais três obras que retratam a dona Domingas, todas feitas pelo escultor Crepaz. Das três esculturas, duas são em madeira, sendo que uma delas é datada de 1959. Ainda se sabe

que uma encontra-se em Ortisei, na Itália, e outra no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A terceira, em bronze, foi adquirida por uma pessoa do interior do Espírito Santo.

As obras do escultor italiano Carlo Crepaz possuem como eixo fundamental de composição o realismo, como é o caso de Dona Domingas, e também de outra obra do autor, o Índio Arariboia⁶, ambos com fortes e convincentes expressões faciais.

Imagem 05: A face da Domingas



Fonte: Érica Morais, 2016.

Hoje, quem passa pelo centro de Vitória ou visita o Palácio Anchieta pode encontrar a escultura de Dona Domingas com características físicas similares às que foram descritas por Elton (2014). Contudo, fica aqui um questionamento a ser feito: Será que as pessoas que passam pelo local notam ou observam a escultura? E os alunos da EJA, conhecem essa personalidade que, de transeunte, foi concretizada no espaço público da cidade? O que podemos aprender a partir dessa escultura?

⁶ A estátua fundida em bronze na primeira metade da década de 1950, atualmente fixada interna do Clube de Regatas Saldanha da Gama, no bairro Forte de São João, Vitória (ES). Segundo a pesquisadora Procópio (2010), há algumas críticas ao índio de Crepaz, questionando que seu porte classificado como perfeito não condizia com as verdadeiras condições físicas do nativo local (PROCÓPIO, 2010).

Lefebvre (2001) aponta que os monumentos e as festas que compõem as cidades podem ajudar a compreender a realidade, pois são resultantes de um processo de significações oriundas do campo, da vida imediata, da religião e da ideologia política.

Dona Domingas era vizinha de Crepaz, não havendo relatos de qualquer aproximação entre eles, o que não significa que não possa ter ocorrido. Considerando o contexto da época, somos provocados a pensar o que motivou o artista a materializar essa personagem.

Os atos, monumentos e agentes locais marcam as cidades, mas, ao mesmo tempo, estabelecem relações impessoais de produção, de propriedade, entre classes e de lutas de classe. É importante ressaltar que, mesmo diante da interligação entre condições de vida, associadas às questões étnico-racial e de gênero, a violência e a discriminação voltada à mulher em suas principais modalidades ignoram fronteiras de classes sociais, de grau de industrialização, renda *per capita*, cultura, tecnologia, grau de instrução, política, entre outros. É importante refletir que não se limita somente às classes menos favorecidas. O que se nota é que a divisão sexual do trabalho carrega consigo a persistência da segmentação e da remuneração diferenciada entre homens e mulheres, seja em países onde o capitalismo é subordinado ou avançado. Está posto o desafio: tentar decifrar qual ideologia e (ou) estratégias políticas se encontram presentes nessa forma textual, qual seja, do monumento apresentado.

Ainda relacionado a esse cenário e na dinâmica de projeção da cidade, Procópio (2010, p. 52) destaca um movimento ocorrido durante a década de 1940, quando alguns arquitetos se reuniram em busca de uma nova compreensão sobre o conceito de monumentos. A nova monumentalidade demandava que o espaço monumental não deveria servir ao uso corpóreo e sim ao uso simbólico. Estes deveriam ser mais significativo e emocionar o espectador, ou ainda, deveria estar incutido de um caráter de representação coletiva.

De acordo com o autor, a pintura e a escultura mostram a apropriação do espaço. No quadro do conhecimento o autor propõe olharmos a obra de arte como uma síntese de uma realidade não acabada, uma unidade que é definida por uma convergência, orientada por estratégias ocultas de dominação. No contexto da produção da cidade, da sociedade urbana e nos diversos aspectos de uma produção social “não se trata mais de isolar os pontos do espaço e do tempo, de considerar separadamente atividades e funções, de

estudar isoladamente uns dos outros, comportamentos ou imagens, divisões e relações” (LEFEBVRE, 2001, p. 125).

Sem dúvida a escultura é mais do que características físicas. Muito mais que significados aliados à personalidade de uma senhora negra, magra e pobre, o monumento da dona Domingas expressa a própria resistência de luta e existência do negro. Enquanto memória, a aparente simplicidade e transparência da obra trazem o enfoque da resistência e de outros desdobramentos e apropriações por parte do público. Contudo, para perceber a essência que permeia esse monumento, proporcionando novos sentidos, implica transpor algumas barreiras, evidenciando a degradação de vivências retratadas nas formas, que não raro passam despercebidas. No foco desse olhar está a necessidade de estabelecer conexão com a ancestralidade, com a consolidação da identidade e corpo que ambienta o espaço, firmando o desafio que a obra de arte supera com sua sensibilidade atitudinal, propiciando a compreensão do ocupado. Como segreda o trecho da música “Um corpo no mundo”:

[...] Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte.
(Trecho de “Um corpo no mundo”, de Luedji Luna, 2017).

Assim, aquela senhora que caminhava pelas ruas e vielas da Ilha coletando papel, por ora, exercendo e existindo por meio do seu ofício, o seu trabalho, também confidenciou as raízes de sua vida, o seu olhar para o mundo, as suas inquietações, seus sonhos e amores. Esses traços de confiança de uma mulher negra na cidade podem ser apreendidos também no texto de Carolina de Jesus com o livro “Quarto de Despejo” (1960). Nessa obra, a autora narra um olhar sobre o trabalho de catadora de papel e os desafios da vida na cidade de São Paulo, descrevendo as desigualdades sociais latentes nas relações entre as pessoas. Por meio da palavra, Carolina de Jesus narra a luta diária pelo acesso à alimentação, denuncia a violência doméstica contra a mulher, a falta de acesso à educação, dentre muitas outras problemáticas que afligem a classe popular (JESUS, 1960). Desse modo, considera-se o potencial da arte (escultura ou literatura) para mediar conhecimentos sobre a cidade em uma perspectiva formativa e crítica. No caso

dessas duas expressões, temos como forte apelo a temática da desigualdade social. Contudo, podendo entrever ainda elementos comuns entre as duas mulheres negras que inspiram as obras como força, resistência e trabalho.

A história dessas mulheres, o espaço que elas ocupam e a atividade de trabalho que ambas desempenharam constituem elementos para recontar a história. Na dinâmica da cidade, o trabalho que cada uma exercia pode ser tomado como referencial de análise no contexto das relações sociais. Nesse viés de estudo, torna-se importante ponderar que a prática se reveste de imaginários sociais, de signos, de coações e de diferentes interpretações.

Dependendo do olhar do observador e das suas referências, a história da dona Domingas pode apontar diferentes pontos de vista. Desse modo, o estudo desses pontos de vista, mediante análise crítica do espaço da cidade, ocupados pela dona Domingas e (ou) em diálogo com outras mulheres, podem representar um momento de experiência e de conhecimento. Simultaneamente, cabe compreender como acontece a ocupação dos espaços e como são percebidos pelas pessoas da cidade.

A fim de descobrir os aspectos de um conhecimento mais amplo da realidade, outras perguntas podem orientar a proposta de intervenção e de mediação, como, por exemplo: como são constituídos os espaços? Quais as suas características? Como uma história ou acontecimento interfere na relação com o espaço? Como essa história caracteriza o espaço?

Tanto Lefebvre (2001; 2016) como Canevacci (1993) nos convidam a escutar a cidade como se fosse uma música com letra, melodia e sons que se expandem. O olhar atento para a escultura da Dona Domingas faz perceber que, além das diferenças históricas, genéricas e (ou) fenotípicas, estão também presentes diferenças atuais entre o tipo de cidade resultante das cidades, entre os efeitos da divisão do trabalho nas cidades, entre as persistentes relações cidade território.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste texto buscou-se evidenciar o potencial educativo da cidade para estimular reflexões e problematizações sobre a temática afro. Nesse sentido, destaca-se a importância e necessidade de contemplar momentos formativos com os estudantes da

EJA para compreender e conhecer esses pontos da cidade, como forma de problematizar lugares de memória e conhecimento, a fim de re-conhecer e compreender a presença negra no centro da cidade, da capital do estado do Espírito Santo, bem como na constituição e formação cultural, social, intelectual e econômica do nosso país.

Contudo, ao evidenciar o potencial educativo desses espaços para explorar conhecimentos, considera-se que o papel da escola constitui espaço privilegiado para conduzir o processo educativo, principalmente em empreender ações e práticas de ensino que promovam o desenvolvimento de experiência e problematizações sobre a realidade.

A experiência educativa aqui apresentada sobre a temática afro-brasileira no contexto da educação na cidade sugere aspectos que podem ser considerados na abordagem sobre a temática afro e no desenvolvimento de ações educativas e mediações em espaços da cidade, como em museus. Aqui, entende-se que esses aspectos são possibilidades pedagógicas e que outras mediações, leituras, conexões, articulações e problematizações poderão surgir.

Nesse sentido, atraídas pelas vozes que a cidade canta e pelos ecos que ressoam em nossa própria existência, o monumento de dona Domingas nos provocou a tecer algumas considerações sobre o contexto político, social e racial, bem como sinalizou problematizações em relação à apropriação do espaço e a relação com o trabalho, especialmente referente ao trabalho que era exercido pela dona Domingas e por tantas outras negras e negros, que construíram e são parte da história social, cultural, econômica e política do Brasil.

Os monumentos carregam muitas histórias que podem ser lidas, conhecidas e reivindicadas por meio de ações e intervenções educativas, criando assim, um percurso cujo olhar pode produzir o estranhamento e o confronto da realidade. Nesse percurso, os monumentos, ainda que remetam a história dos oficiais, dos dominantes, como é o caso do bandeirante escravocrata Manuel do Borba Gato⁷ em Santo Amaro (SP).

⁷ No início do ano de 2020, no Brasil e em outras partes do mundo, o debate antirracista foi intensificado pelos protestos e movimentos de retirada de estátuas e monumentos que fazem homenagem a personagens históricos, símbolos de um racismo institucional, o qual está enraizado na formação de países, como o Brasil, EUA, Inglaterra, entre outros. Esse movimento saiu a marcha de luta contra o racismo, a desigualdade racial e política, logo após uma ação policial provocar a morte de George Floyd, homem negro, da cidade de Minneapolis, no estado de Minnesota, dos Estados Unidos. Floyd tinha 46 anos de idade, quando foi assassinado asfixiado pelo policial Derek Chauvin, no dia 25 de maio de 2020. Floyd não apresentou resistência durante a abordagem policial, mesmo imobilizado e algemado o policial permaneceu ajoelhado sobre o seu pescoço e, durante os nove minutos, Floyd afirmou mais de 20 vezes que não conseguia respirar e faleceu no local. Pouco mais de um ano de sua morte, em 20 de abril de 2021, sob júri

Nós, educadores, por meio de intervenções educativas com os estudantes e a comunidade, podemos recuperar os elementos e os fatos que revelam a história de monumentos, bem como suas vinculações com outras obras, pessoas, conhecimento e outros espaços da cidade.

Assim, caminhar, interagir e observar a materialidade da cidade, constitui um modo de produzir conhecimentos e superar vivências superficiais com o espaço urbano. É compreender o espaço citadino como uma produção humana que sintetiza conflitos e contradições que precisam ser problematizados em práticas educativas com inspiração emancipatória.

Em relevância da temática e abordagem dos conhecimentos afro-brasileiros no contexto educacional, a proposta aqui apresentada se configura como uma possibilidade de intervenção educativa no contexto do monumento, propiciando um novo olhar sobre a totalidade do espaço e percebendo neles suas contradições, determinações e mediações estabelecidas. Além disso, coloca em evidência a articulação da educação na cidade e a temática História e Cultura Afro-Brasileira, tão importante e necessária para a prática de uma educação antirracista a ser contemplada nos processos de ensino, em conformidade com a Lei n. 10.639/03.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão. **Revista Estudos Avançados**, v.18, n.50, p.242-250, 2004. .

popular de Minneapolis, o ex-policial Derek Chauvin foi considerado culpado por acusações de homicídio e condenado em junho do mesmo ano a 22 anos e meio de prisão pela morte de George Floyd, ex-segurança. Esse homicídio brutal foi visto por muitos transeuntes, tal violência contra a vida causou grande indignação e protestos do Black Lives Matter (Vidas Negras Importam). Esse e outros movimentos saíram à marcha de luta contra o racismo na população local e em várias partes do mundo. Em marcha e manifestação por esse crime racista, um grupo demoliu a estátua de Cristóvão Colombo, considerado o descobridor do continente americano e localizado na cidade de Baltimore. A justificativa para a derrubada ou retirada dos monumentos ligados à escravidão e ao colonialismo, encontra-se firmada no ataque ao racismo em sua vertente mais monstruosa, a escravidão, representada pelos monumentos e estátuas dos líderes confederados. Esse mesmo movimento ocorreu também na Inglaterra, com a estátua de Edward Colston, que era traficante de escravos. Na Bélgica, com a estátua do rei Leopoldo II, que foi um polêmico personagem do passado colonial do país. **Já no Brasil, em São Paulo, com o monumento Borba Gato, localizado em Santo Amaro.** A estátua se refere a um dos líderes da Guerra dos Emboabas (1707 – 1709), a quem causou muito sofrimento para população indígena. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/02/morte-de-george-floyd-4-fatores-que-explicam-por-que-o-caso-gerou-uma-onda-tao-grande-de-protestos-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 21 de out. 2021.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9984/11556>>. Acesso em: 13 de ago. 2021.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Obras escolhidas I.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

ELTON, Elmo. **Velhos tempos e tipos populares de Vitória**. Vitória/ES: Secretaria Municipal da Cultura, 2014.

FORDE, Gustavo Henrique (2016). “**Vozes negras**” na história da educação: racismo, educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação (Doutorado) do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES - Vitória: 2016. 260 p.

FOSSE, Mário Luiz. **Monumentos capixabas** – Vitória (ES). Vitória: Ofício Comunicação e cultura, 2015. 140 p.:il.;25cm. - (Monumentos capixabas 1)

FREHSE, Fraya. **Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. 632 p.: il. ; 23 cm

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné Bissau: Registros de uma experiência em processo**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria - Revista de estudos de literatura**. Alteridades em questão. Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 9, dez/2002.

GONRING, Rafael. A influência da Companhia Vale do Rio Doce nas transformações sócio espaciais de Vitória (ES) e na urbanização da área Norte da cidade. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos - Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças – espaços de diálogos e práticas. 2010, Porto Alegre -RS. **Anais...** Porto Alegre: Associação dos geógrafos brasileiros, 2010, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política: o direito à cidade II**. Editora: UFMG, 2016.

Le Goff, Jacques. **História e memória**. 7 ed. revista- Campinas, SP Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Almerinda da Silva. **Artes plásticas no Espírito Santo (1940-1969): produções, ensino e crítica.** Vitória: Edufes, 2012.

LUNA, Luedji. **Um corpo no mundo** (2017). Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luedji-luna/>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 2003.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade?** Campinas, SP: autores Associados; Americana, SP: UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008.

MATOS, Isla Andrade Pereira de (2013). **Ação educativa do Museu Afro Brasil: educação patrimonial no combate à discriminação étnico-racial.** Dissertação (Mestrado em Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Campinas: 2013. 161 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Morte de George Floyd: 4 fatores que explicam por que o caso gerou uma onda tão grande de protestos nos EUA. G1, 02 de jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/02/morte-de-george-floyd-4-fatores-que-explicam-por-que-o-caso-gerou-uma-onda-tao-grande-de-protestos-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 21 de out. 2021.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 34, agosto a outubro de 1994, p. 28

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades.** Revista de Antropologia, São Paulo, v. 33, p. 109-117, 1990.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem:** sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, v.19, n.1, 2006, pp. 287-308.

PROCÓPIO, Gislaine Zanon Ferreira (2010). **Arte em espaços públicos de Vitória.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Artes.

RAMOS, Luciano Barreto (2014). **Arte e testemunho na urgência do presente:** o desenho de Luis Trimano na série O Negro. Programa de Pós-graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES - Vitória: 2014. 129 f.

RAMOS, Luciano Barreto. **Relatório final da exposição Torções de 15 de setembro a 27 novembro de 2016.** Torções. Museu Capixaba do Negro, Vitória, ES: 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas.** 7ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

VITÓRIA. Instituto Federal do Espírito Santo. **Grupo de estudos e pesquisas educação na cidade e Humanidades,** Vitória, ES: IFES, 2021. Disponível em: <<https://gepech.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 de out. 2021.

VITÓRIA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Admarco Serafim de Oliveira: uma construção em movimento,** Vitória, ES: SEME, jul. 2013